

OS PROTESTANTES PROTESTARAM NA DITADURA MILITAR BRASILEIRA?

*José Andreze Nunes da Silva**

INTRODUÇÃO

Entre os anos de 1964 e 1985, o Brasil viveu o período ditatorial conhecido de Regime Militar. A maior censura e repressão aos que eram contra o regime militar aconteceu nos “Anos de Chumbo” (1969 – 1974). Nessa época, o país estava sob o comando de Emilio Garrastazu Médici. Médici realizou as mais fortes repressões. Uma das principais características desse período foi a instauração do AI-5 (Ato Institucional número 5), que conferiu muitos poderes ao presidente, para por exemplo: fechar o Congresso, as Assembleias Estaduais e Câmaras Municipais; cassar o mandato de membros do Executivo e do Legislativo; demitir ou remover juízes; legislar por meio de decretos e baixar novos atos institucionais complementares; demitir, remover ou aposentar servidores públicos, e suspender os direitos políticos de cidadãos por um prazo de dez anos¹.

É nesse período que tenho a intenção de investigar, por meio de documentos bibliográficos e artigos de internet, a participação ou não de protestos por parte da igreja protestante brasileira, em particular, a Igreja Presbiteriana. Tendo como hipótese a premissa de que não houve protestos ao regime militar e à repressão que este executava aos opositores. Parto dessa premissa, visto observar um discurso atemporal, transcendente e proselitista, que sempre fizeram parte dos enunciados de seus pregadores e líderes. Tomo a referida igreja como objeto de avaliação, visto ser ela de relevância religiosa entre os evangélicos daquele período, principalmente pelo quadro de fieis desta igreja figurar como intelectuais nas academias e ocupar cargos importantes no governo - A igrejas pentecostais e outras só surgem depois. Dividirei este trabalho analisando a conjuntura sócio-política da década de 1970 em que a igreja está inserida, sua doutrina ideológica e por ultimo, se ela era engajada ou alienada.

A CONJUNTURA DAS IGREJAS PROTESTANTES HISTÓRICAS NOS ANOS 70

A Igreja protestante, como parte da sociedade brasileira, ficou sujeita, em grande parte, às características do contexto político e social a que se encontra o país. Nesse período havia o discurso de medo do comunismo, como reconheceu, certa vez, o próprio Jaime Wright em entrevista ao jornalista e teólogo Jorge Antônio Barros. “Na União Soviética a prática da religião foi cerceada e proibida; os evangélicos tinham alguma razão para ter receio disso”², declarou Wright, que era identificado com a visão de um Evangelho social. Ao contrário dos que lutavam contra a ditadura, havia os que consideravam o comunismo um sistema a serviço de demônios. Em 1963, em plena

* Mestrando em Ciências das Religiões na Faculdade Unida, Bacharel em Teologia e Licenciado em História.

¹ MATTOS, Marco Aurélio Vannucchi L. de e SWENSSON, Walter Cruz. *Contra os inimigos da ordem: A repressão política do regime militar brasileiro (1964-1985)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 31.

² BARROS, Jorge Antonio. *A tortura é uma doença*. Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br/denunciar/tortura/textos/barros.htm>>. Acesso em: 21 jan. 2014.

Guerra Fria, alguns meses antes do golpe militar, o nascente movimento carismático, que dá ênfase aos dons do Espírito Santo, se mobilizava em jejum e oração para que o Brasil não caísse sob poder do comunismo. Dois anos antes do AI-5, a Igreja Presbiteriana, enrijece seu discurso, preocupada com a influência do liberalismo. Em 1966, Boanerges Ribeiro fora eleito presidente do Supremo Concílio da denominação com a promessa de moralizar os seminários, varrendo a influência dos modernistas. Durante os anos de chumbo, ele permaneceria à frente da igreja, que era então a mais influente entre os protestantes³. O tenente-coronel Renato Guimarães, ligado ao temido Serviço Nacional de Informações (SNI), tinha assento no Supremo Concílio.

Segundo o ex bispo anglicano de Recife e cientista político Robinson Cavalcanti, “A Igreja Evangélica cresceu naquele período, mas houve uma ruptura com sua própria história e tradição”, lembrando que o antigo *destino manifesto* dos protestantes brasileiros, de trazer transformação social, democracia e desenvolvimento para o país, contrapondo-se ao atraso da Igreja Católica, se perdeu nesse processo. Para Cavalcanti, com a violenta polarização política, antes e durante a vigência do regime militar, todos os evangélicos perderam⁴. “Em apenas quatro anos, entre 1964 e 1968, o cenário protestante mudou totalmente”, afirma o religioso. Assim, a igreja preocupa-se apenas com o Céu, sem projeto político-social.

GUINADA DO CONSERVADORISMO E ALIENAÇÃO

Alderli Souza de Matos, historiador oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), reconhece que “A liderança evangélica, de modo geral, deu boas-vindas ao regime. Surgiram matérias nos jornais das igrejas apoiando o novo governo”⁵. Para o autor, relata que existem dificuldades para analisar aquele período. “Havia muito radicalismo, muito extremismo. Na minha avaliação houve excessos de ambas as partes: tanto dos conservadores, que se apossaram do poder na igreja, quanto da oposição, vinculada ao movimento social, ao ecumenismo e ao liberalismo teológico”, diz, lembrando que os pastores e seminaristas à esquerda batiam de frente com determinações vindas da direção da denominação. “Era uma época de muita tensão, confrontação, polêmica e polarização; não era fácil alcançar equilíbrio”, afirma⁶.

A Igreja Presbiteriana do Brasil, que tinha sido a primeira denominação a formar quadros do mais alto nível, mesmo sofrendo divisões internas, se alinhou ao regime militar. Teólogos como o próprio Waldo César, o escritor Rubem Alves, Zwinglio Mota Dias – que foi torturado e teve o irmão, Ivan, assassinado pela ditadura – e João Dias de Araújo, deixaram a Igreja Presbiteriana do Brasil⁷

Entendamos antes de tudo que o protestantismo histórico brasileiro, entretanto, possui suas peculiaridades, pois em grande parte, é fruto do trabalho missionário de norte-americanos, o que lhe confere traços e características específicas, que foram herdadas e incorporadas. Segundo Antônio Gouvêa Mendonça⁸, o protestantismo histórico, diferentemente do pentecostalismo, não tem conseguido inserir-se de maneira relevante na cultura nacional, “seguindo como um corpo estranho na sociedade brasileira”, ideia que não é compartilhada por Boanerges Ribeiro, para quem o protestantismo, a partir da primeira república, alastrou-se por todas as classes sociais, tendo em seu seio empreendedores que iniciaram indústrias e prosperaram também no comércio, nas profissões

³ MATOS, Alderli Souza de. *Breve História do Protestantismo no Brasil*. Disponível em: <<http://cpaj.mackenzie.br/historiadaigreja/pagina.php?id=284>>. Acesso em: 02 ago. 2017.

⁴ CAVALCANTE, Robinson. *Saudades dos crentes*. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/295/saudades-dos-crentes>>. Acesso em: 11 mar. 2014.

⁵ MATOS, Alderli Souza. *Brasil, verdadeira democracia?* Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Editora/Revista_Mackenzie/pdfs/m34/pg50_e_51.qxd.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2014.

⁶ MATOS, 2014.

⁷ ARAUJO, João Dias de. *Inquisição sem fogueiras: a história sombria da Igreja Presbiteriana do Brasil*. São Paulo: Fonte Editorial, 3ª Edição, 2010, p. 60.

⁸ MENDONÇA, Antônio Gouvêa e FILHO, Prócoro Velasques. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 23.

liberais e “inserir-se na sociedade”⁹. Devido ao processo de seu estabelecimento, o protestantismo brasileiro, tanto em suas ramificações pentecostais quanto nas igrejas chamadas históricas, é caracterizado pela forte influência do pietismo metodista – originada por John Wesley no século XVIII, cuja ênfase se concentrava no papel da experiência na vida cristã – e individualismo, ambos promovendo o seu isolamento *do mundo* e produzindo várias subculturas, com um contingente enorme de comunidades vivendo enclausuradas, em verdadeiros guetos religiosos¹⁰.

Havendo medo, por parte das igrejas históricas, de o país vir a adotar políticas comunistas, trazendo mudanças de costumes e “ameaças” à fé cristã, ela acaba se associando a segmentos militares, já que este era a salvaguarda para o Brasil não tornar-se comunista. Configurando dessa forma a participação da Igreja Presbiteriana na *Marcha das Famílias com Deus e pela Liberdade*, ao lado de católicos e de outros segmentos evangélicos¹¹. E com o que abordamos acima, podemos afirmar que na década de 1970 grande parte das igrejas históricas do segmento protestante, eram reconhecidas como grupos de direita, com influência e participação nos assuntos políticos do país. Daí o uso de seus discursos para manter a massa de fiéis em concorde com suas práticas doutrinárias, conduzido o fiel a uma vida espiritual e com Cristo distante da realidade contextual brasileira, voltando-se para um mundo pessoal interior da vida cristã e no porvir.

CONCLUSÃO

Nossa pesquisa levar a confirmar a tese de que, “desde o primeiro momento do golpe, os presbiterianos deram seu apoio aos militares, como governo que defendia as liberdades pessoais, da moralidade e da luta contra as forças desagregadoras da sociedade presentes no comunismo”¹².

A partir do ano 1966, o apoio da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) ao governo militar é confirmado, pelas decisões tomadas nas reuniões do Supremo Concílio e de sua Comissão Executiva. Seu jornal oficial noticia ao fiel presbiteriano as decisões que devem ser recebidas como o pensamento ideológico e teológico da igreja. A IPB se define pela “afirmação de respeito à lei e à ordem”¹³.

Com discordâncias internas o presbiterianismo perdia membros e líderes, fundando outras denominações. Aqueles que não concordavam com a postura de apoio irrestrito ao governo militar, estavam Paulo Stuart Wright e Lysâneas Maciel, militantes oposicionistas e membros da igreja. Porém, outros presbiterianos tinham posturas de oposição, como Rubem Alves e outros dentre eles que, posteriormente, criariam a Federação Nacional de Igrejas Presbiterianas (FENIP) e, depois, a Igreja Presbiteriana Unida (IPU), a nova denominação que agregaria aos seus estatutos o ecumenismo como fundamental à fé cristã e ideologias sociais.

A falta de protesto ao duro regime militar por parte das Igrejas Protestantes históricas era uma estratégia de transformar o país com as virtudes protestantes. A teologia reformada e calvinista do puritanismo e a influência do ambiente religioso de missão norte-americano, foram adequadas para que os presbiterianos dessem a legitimação religiosa ao regime.

Com relação aos fiéis da Igreja Presbiteriana, estes recebiam as notícias e o posicionamento político ideológico, e teológico oficial da Igreja, pela imprensa da denominação. O jornal oficial trazia a visão de que a Igreja estava sendo limpa das heresias ecumênicas e comunistas, deixando a igreja apta para agir em favor da transformação do país. Uma demonstração do que seria o verdadeiro e completo evangelho do Reino.

⁹ RIBEIRO, Boanerges. *Igreja Evangélica e República Brasileira (1889-1930)*. São Paulo: O Semeador, 1991, p. 25.

¹⁰ MCGRATH, Alister E. *Teologia Sistemática, histórica e filosófica: Uma introdução à Teologia cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 81.

¹¹ ARAÚJO, João Dias de. *Inquisição sem fogueira*. Instituto Superior de Estudos da Religião: Rio de Janeiro, 1985, p. 89.

¹² SOUZA Silas Luiz de. *O respeito à lei e à ordem: presbiterianos e o governo militar no Brasil (1964 – 1985)*. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103160/souza_sl_dr_assis.pdf?sequence=1>. Acesso em: 24 ago. 2017.

¹³ SOUZA, 2017.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, João Dias de,. *Inquisição sem fogueiras: a história sombria da Igreja Presbiteriana do Brasil*. São Paulo: Fonte Editorial, 3ª Edição, 2010.
- ARAÚJO, João Dias de. *Inquisição sem fogueira*. Instituto Superior de Estudos da Religião: Rio de Janeiro, 1985.
- BARROS, Jorge Antonio. *A tortura é uma doença*. Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br/denunciar/tortura/textos/barros.htm>>. Acesso em: 21 jan. 2014
- CAVALCANTE, Robinson. *Saudades dos crentes*. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/295/saudades-dos-crentes>>. Acesso em: 11 mar. 2014.
- MATOS, Alderi Souza de. *Breve História do Protestantismo no Brasil*. Disponível em: <<http://cpaj.mackenzie.br/historiadaigreja/pagina.php?id=284>>. Acesso em: 02 ago. 2017
- _____, *Brasil, verdadeira democracia?* Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Editora/Revista_Mackenzie/pdfs/m34/pg50_e_51.qxd.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2014.
- MATTOS, Marco Aurélio Vannucchi L. de e SWENSSON, Walter Cruz. *Contra os inimigos da ordem: A repressão política do regime militar brasileiro (1964-1985)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- MCGRATH, Alister E. *Teologia Sistemática, histórica e filosófica: Uma introdução à Teologia cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2005.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa e FILHO, Prócoro Velasques. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- RIBEIRO, Boanerges. *Igreja Evangélica e República Brasileira (1889-1930)*. São Paulo: O Semeador, 1991.
- SOUZA Silas Luiz de. *O respeito à lei e à ordem: presbiterianos e o governo militar no Brasil (1964 – 1985)*. Disponível: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103160/souza_sl_dr_assis.pdf?sequence=1>. Acesso em: 24 ago. 2017.